



ESPERANÇAS E DECEPÇÕES

HOPE AND DISAPPOINTMENTS

Paulo Rodrigues Romeiro

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

E-mail: p.romeiro@uol.com.br

RESUMO

Este texto trata do discurso triunfalista do movimento neopentecostal brasileiro na Igreja Internacional da Graça de Deus. Essa Igreja expandiu-se substancialmente no Brasil, conseguiu arregimentar um número enorme de seguidores e conquistou expressiva visibilidade na mídia. Por estar inserida dentro do neopentecostalismo, a Igreja da Graça reflete também a sua doutrina, que propõe banir a doença, a pobreza e todo o tipo de sofrimento da vida humana, a fim de produzir uma nova geração de fiéis: ricos e saudáveis. Se isso não acontece, significa que ele não tem fé, está sob o poder de Satã ou vivendo no pecado. Assim, a marca do verdadeiro cristão é a plena saúde física e emocional, além da prosperidade financeira. Há testemunhos de pessoas que afirmam terem sido beneficiadas com o discurso triunfalista do movimento. Entretanto, a teologia da prosperidade tem também produzido decepções, especialmente quando o milagre esperado não acontece.

PALAVRAS-CHAVE

Neopentecostalismo; Esperanças; Decepções; Cura divina; Prosperidade.

ABSTRACT

This text deals with the triumphant speech of the Brazilian newpentecostal movement in the Grace of God International Church. This church, with high visibility in the electronic media, has expanded substantially in the last decades with a large number of followers. As part of the newpentecostal movement, this group reflects its doctrine which proposes to ban-

sickness, poverty and every kind of suffering from human life in order to produce a new type of Christian: healthy and wealthy. If this doesn't come to pass, it means that the believer doesn't have enough faith, is under the power of Satan or is living in sin. Thus, the characteristic of the true Christian is to have physical health and financial prosperity. There are testimonies of people who affirm to have benefited from the triumphant message of the movement. On the other hand, the prosperity theology has also produced disappointments, especially when the expected miracles don't happen.

KEYWORDS

Newpentecostalism; Hope; Disappointments; Divine healing; Prosperity.

1. INTRODUÇÃO

No presente texto, resumidamente, desejo tratar sobre esperanças e decepções, ambas produzidas por instituições religiosas. Não é só a religião que oferece esperanças e nem a única a produzir decepções. Esperanças e decepções estão em toda parte, tais como no futebol, na medicina, na política, na família e em muitas outras atividades da vida. Este artigo se propõe a analisar um movimento religioso que, pelo seu poder de mobilizar multidões, por sua presença maciça na mídia e seu crescimento acelerado, exerce um extraordinário impacto na sociedade brasileira. Trata-se do neopentecostalismo, uma vertente do movimento pentecostal. No Brasil, as igrejas alinhadas com esse movimento surgiram a partir da década de 1970, e as que mais se destacam são a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a Igreja Apostólica Renascer em Cristo e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

A mola propulsora do neopentecostalismo é a sua mensagem triunfalista, baseada na teologia da saúde e da prosperidade, surgida na primeira metade do século XX, nos Estados Unidos. De acordo com essa doutrina, o cristão não deve ser atingido pelas adversidades. Trata-se de um discurso que agrada, segundo Ari Pedro Oro et al. (2003, p. 32-33):

Muito longe da exaltação da pobreza, cara a uma certa tradição católica, sua retórica consiste em proclamar que a pobreza não faz parte dos propósitos divinos. Ao contrário, e à sua imagem, Deus deseja, na verdade, distribuir riqueza, saúde e felicidade àqueles que têm fé e o exprimem intensamente. Mas é função dos pastores da Igreja precisar que, para que assim seja, para que os pobres tornem-se ricos, para que os desempregados encontrem um emprego, para que os “doentes incuráveis” sejam curados etc., é necessário dar muito, até mesmo se endividar, como se não tivessem nada a perder, ao contrário, tudo a ganhar. Melhor dizendo, trata-se de apostar tudo para que, imediatamente, ou num período curto de tempo, tudo mude radicalmente (é o que os depoimentos tentam fazer crer), e para que os pobres, principalmente, que não poderiam ser mais pobres, doem ainda que se endividem. Dessa forma, terão o sentimento de já estar no caminho da prosperidade.

Diante desse quadro, podem ser levantadas as seguintes questões: Há diferença entre o que se prega e os resultados do que se prega no neopentecostalismo? Qual tem sido o efeito da mensagem proclamada pelo neopentecostalismo nos seus adeptos? Tem gerado esperanças ou decepções? Tem sido um fator agregador ou um fator de dispersão? E no Brasil, quais têm sido os resultados da pregação do neopentecostalismo? Por que o movimento faz tanto sucesso aqui? Como os adeptos do movimento reagem às adversidades da vida que surgem, muitas vezes, de formas variadas e inesperadas?

2. O QUE É O NEOPENTECOSTALISMO?

O neopentecostalismo tem suas raízes no movimento pentecostal surgido nos Estados Unidos no início do século XX. A discussão sobre o que seja esse movimento religioso tem sido ampla e controvertida, e as opiniões sobre o tema divergem muito, de acordo com o pesquisador, ou com a vertente acadêmica ou com a região onde o assunto é tratado. Em relação a várias denominações cristãs, trata-se de um fenômeno recente. Apesar disso, sempre desperta o interesse dos estudiosos e da mídia.

O neopentecostalismo conquistou um grande espaço no cenário brasileiro nas últimas décadas. É um movimento que consegue mobilizar as massas, que controla grandes somas de dinheiro e uma boa parte da mídia eletrônica. Nem mesmo o pentecostalismo, sua fonte de origem, chegou a tanto. Por isso, o grupo agrada e incomoda ao mesmo tempo. Há alguns anos a revista *Veja*¹ publicou uma reportagem de capa sobre a Igreja Universal intitulada: “A igreja que assusta – O bispo Edir Macedo já tem mais de 3 milhões de seguidores”.

A prática neopentecostal é dinâmica e inovadora, com um grau de criatividade bastante elevado. Muitas vezes, quem deixa de freqüentar por uma semana algumas de suas igrejas corre o risco de ficar desatualizado. Mudam-se a liturgia, os líderes das igrejas que atuam nos escalões inferiores, as campanhas, os símbolos (Cálice da Libertação, Rosa Ungida, Águas que Saram), os candidatos políticos e os títulos ministeriais (de bispos para apóstolos, de pastoras para bispas e apóstolas). Novas terminologias vão sendo acrescentadas no dia-a-dia. Na Igreja Universal, por exemplo, culto de libertação virou Sessão de Descarrego. Na Igreja da Graça, o culto do missionário R. R. Soares chama-se agora “Show da fé”. Até os nomes das igrejas são mudados. A Igreja Evangélica do Fundamento Apostólico (IEFA) agora é Igreja Cristã da Família. A Casa da Bênção (na Av. Jabaquara, 1785, em São Paulo) agora é Missão Caminhos da Vida. Essas mudanças assanham a mídia e os estudiosos, requerendo um monitoramento constante do fenômeno neopentecostal por parte dos seus pesquisadores.

Definir o que é o neopentecostalismo não é uma tarefa simples. As novas igrejas e os seus líderes multiplicam-se rapidamente, sempre introduzindo alguma novidade na liturgia e na teologia, tornando o tema cada vez mais amplo e complexo. Com o passar do tempo, os pesquisadores vão dando ao grupo diferentes nomes, tais como pentecostalismo autônomo, isopentecostalismo, pentecostalismo neoclássico, pós-protestantismo, pós-pentecostalismo, pentecostalismo crioulo, pentecostalismo mestiço, protestantismo sincrético e ultrapentecostalismo (RIVERA, 2001, p. 234).

¹ Revista *Veja*, 25 de outubro de 1995, p. 96-105. Ver também Bonfatti (2000); Campos (1997); e Mariano (1999).

Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 256) dividem o pentecostalismo em duas fases:

Os primeiros anos do século XX para o aparecimento do que chamamos de pentecostalismo clássico, e a década de 60 para o surgimento do neopentecostalismo (ou movimento carismático protestante), da renovação carismática católica e das agências de cura divina.

Em sua pesquisa, Ricardo Mariano (1999, p. 28-33) adota a linha de Paul Freston e também divide o pentecostalismo em três ondas. Na primeira onda estão a Congregação Cristã no Brasil (1910) e a Assembléia de Deus (1911). A segunda onda, a partir dos anos 1950, inclui a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), O Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962), Casa da Bênção (1964) e outras de menor expressão. A terceira onda começa na segunda metade da década de 1970 e inclui a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Internacional da Graça de Deus (1980), a Cristo Vive (1986), a Comunidade Sara Nossa Terra (1976), a Comunidade da Graça (1979), a Renascer em Cristo (1986), a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994), a Comunidade Cristã Paz e Vida (1996), a Igreja do Avivamento Contínuo (2002). Os fundadores da Igreja Universal, Edir Macedo, e da Igreja Internacional da Graça de Deus, R. R. Soares, saíram da Igreja de Nova Vida, fundada no Rio de Janeiro, em 1960, por Roberto McAlister. Ricardo Mariano (1999, p. 33) explica o motivo de empregar o termo neopentecostal para a terceira onda, especialmente para a Igreja Universal do Reino de Deus:

O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo. Embora recente entre nós, o termo neopentecostal foi cunhado há vários anos nos EUA. Lá, na década de 70, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi designado de carismático.

Leonildo S. Campos (1997, p. 50) assim define o termo neopentecostal dentro do contexto norte-americano:

Naquele país, atribui-se o termo “neopentecostalismo” a pessoas com mentalidade pentecostal, mas que se consideram adeptas de uma “renovação espiritual” dentro dos próprios quadros denominacionais a que pertencem. De uma maneira geral, esse “neopentecostalismo” enfatiza o exorcismo, cura divina, dons espirituais, continuidade da revelação divina através de líderes carismáticos e uma parte dele aceita a “teologia da prosperidade”. Esse “neopentecostalismo” ganhou força no mundo religioso norte-americano nos anos 70, período em que também começou a penetrar na América Latina, provocando o surgimento de novas igrejas, seitas e denominações, assim como cisões nas principais denominações protestantes brasileiras, entre elas, Metodista, Batista, Presbiteriana, Congregacional e outras.

É quase sempre tênue a linha que separa algumas igrejas da segunda onda daquelas da terceira. A Casa da Bênção, por exemplo, surgida em 1964 e listada por Ricardo Mariano (1999, p. 30) como da segunda onda, tem quase todos os elementos que caracterizam o neopentecostalismo. Daniel Marins foi, por muitos anos, um dos líderes da Igreja do Evangelho Quadrangular (surgida em 1953). Entretanto, depois de romper com a sua denominação, em 4 de agosto de 2001, fundou a Igreja do Avivamento Contínuo em São Paulo, capital, em 6 de agosto de 2001, uma Igreja que tem quase todos os ingredientes do neopentecostalismo.

Marins prega a teologia da prosperidade e a quebra de maldições hereditárias. A maior parte das igrejas neopentecostais aderiu à teologia da prosperidade, também conhecida como a confissão positiva, o emprego intenso das regras do mercado de consumo e de *marketing* usadas pelas empresas em geral, a promessa de uma boa vida (sem doenças, sem pobreza) para os seus adeptos, a solução imediata dos problemas do dia-a-dia. O neopentecostalismo é também caracterizado por uma liderança forte e centralizadora.

O neopentecostalismo fez escola. Muitas igrejas de fora do movimento clonaram suas práticas de proselitismo e de arrecadação financeira. Várias igrejas das Assembléias de Deus e de outros grupos considerados tradicionais passaram a realizar o culto da libertação, o culto dos empresários e o culto da prosperidade, algo nunca pensado pelos seus pio-

neiros ou líderes mais antigos. O movimento neopentecostal investe consideravelmente no televangelismo. Além disso, o neopentecostalismo introduziu uma série de práticas e doutrinas novas, tais como cura interior com regressão, um modelo de crescimento de igrejas chamado *G-12 Igrejas em Células*², mapeamento espiritual, espíritos territoriais, cair no espírito, gargalhada sagrada, dentes de ouro e muitas outras³.

O neopentecostalismo tem suas raízes no movimento pentecostal surgido nos Estados Unidos no início do século XX. A discussão sobre o que seja esse movimento religioso tem sido ampla e controvertida, e as opiniões sobre o tema divergem muito de acordo com o pesquisador, ou com a vertente acadêmica ou com a região onde o assunto é tratado. Em relação a várias denominações cristãs, trata-se de um fenômeno recente. Apesar disso, sempre desperta o interesse dos estudiosos e da mídia.

A maioria das igrejas que compõem o neopentecostalismo multiplica-se rapidamente, sempre introduzindo alguma novidade na liturgia e na teologia, tornando o tema cada vez mais amplo e complexo. Com o passar do tempo, os pesquisadores vão dando ao grupo diferentes nomes, tais como pentecostalismo autônomo, isopentecostalismo, pentecostalismo neoclássico, pós-protestantismo, pós-pentecostalismo, pentecostalismo crioulo, pentecostalismo mestiço, protestantismo sincrético e ultrapentecostalismo (RIVERA, 2001, p. 234).

² O G-12 é um movimento que propõe o crescimento das igrejas por meio de células, com reuniões nos lares. As pessoas são evangelizadas por intermédio das células, das reuniões na igreja ou de eventos evangelísticos. Depois de evangelizadas, começa o processo de consolidação, constituído dos seguintes estágios: 1. Pré-encontro: constituído de quatro palestras preparatórias para o encontro de três dias. Nessa fase, o novo discípulo recebe orientações sobre a Igreja, o senhorio de Cristo, mordomia cristã e batismo. 2. Encontro: um retiro espiritual de três dias, no qual o discípulo receberá instruções sobre arrependimento, perdão, quebra de maldições, libertação, cura interior, batismo no Espírito Santo e a visão da igreja. 3. Pós-encontro: quatro palestras para consolidação das vitórias alcançadas no Encontro. 4. Escola de líderes: formação em três estágios de três meses cada para se tornar líder de célula e de um grupo de doze. 5. Envio: depois de começar uma célula de evangelismo com três pessoas, torna-se seu líder. Uma vez consolidada a sua célula, começa a formação do seu grupo de 12 para discipulado, tornando-se líder de 12. Consolidado seu grupo de 12, ele estimula cada um a formar o seu próprio grupo de 12. Surge então o líder de 144, numa equação exponencial. Para saber mais informações sobre o movimento do G-12, essa pesquisa recomenda Milhomens (1999) e Castellanos (1999).

³ Muitas dessas práticas foram tratadas no livro *Evangélicos em crise* (cf. ROMEIRO, 1995).

O diabo e seus demônios são os grandes trunfos do neopentecostalismo. Uma grande parte dos cultos neopentecostais é ocupada com os maus espíritos. Eles são a causa da separação de casais, do insucesso no amor, da falta de prosperidade da empresa e de tudo o que não presta. Por isso, nesses cultos, seus pregadores estão sempre expulsando os demônios da doença, das drogas, da pobreza e muitos outros. Se uma boa parte dos cultos é dedicada aos demônios, um outro tema, não menos importante para o neopentecostalismo, ocupa bastante espaço em tais reuniões: o dinheiro. Os apelos por dinheiro, sempre criativos e intensos e podem, muitas vezes, durar até mais de uma hora.

Os cultos neopentecostais introduziram uma liturgia mais aberta e alegre, com o uso de bater palmas, o levantar dos braços, danças e coreografias. Quase todas as Igrejas neopentecostais aposentaram os hinários e introduziram as músicas do mercado evangélico, estabelecendo a ditadura do retroprojetor. Os hinos tradicionais do pentecostalismo, com suas mensagens cantadas promovendo abnegação e a busca da felicidade após a morte, exaltando o sofrimento e condenando os prazeres do mundo, foram substituídos por músicas que incentivam a busca dos bens materiais e da felicidade terrena. Em meados da década de 1980, surgiu a música gospel, termo que se refere à produção musical dos novos cânticos religiosos cantados em muitas igrejas, principalmente, na Renascer. O gospel rompeu com os hinos tradicionais para usar estilos musicais como o rock e o funk.

Michael Moriarty destaca algumas características do movimento:

1. Sensacionalismo: a mensagem do evangelho foi subvertida por alegações de curas bizarras e anúncios exagerados de intervenção sobrenatural.
2. Culto à personalidade: Jesus Cristo não era o foco das reuniões de avivamento; ao contrário, a pessoa que realizava o “milagre” era o centro da atenção.
3. Pontos de vista exagerados de libertação: os pregadores não apenas, erradamente, tratavam todas as doenças como resultado de atividades demoníacas, mas sempre fizeram anúncios abusivos de curas milagrosas que, alegadamente, ocorreram em seus ministérios.

4. Levantamentos de fundos escandalosos: técnicas cheias de truques e manipulações proféticas (“Deus me falou que você tem de apoiar este ministério”) eram tidas pelas igrejas denominacionais como uma forma sutil de chantagem religiosa.
5. Fé falsa: os avivalistas assemelham a fé a uma “força” com a qual os crentes podem mover Deus para fazer o que eles desejam. Esse tipo de teologia da fé parece despersonalizar Deus, pois Ele é tratado como uma força cuja vontade é subserviente aos apelos de crentes zelosos.
6. Uma preocupação obsessiva com Satanás e seus demônios.
7. Novas revelações como uma forma de obter verdade espiritual.
8. Uma crescente desconfiança do raciocínio para obter ou avaliar verdades espirituais. A mente deve ser desviada (reino natural) para que o espírito do homem possa receber informações puras de Deus (reino espiritual) (MORIARTY, 1992, p. 41-42)⁴.
9. Despreocupação escatológica.

3. ESPERANÇAS E DECEPÇÕES

3.1. DEFINIÇÃO DOS TERMOS ESPERANÇA⁵ E DECEPÇÃO

A *Baker Encyclopedia of Psychology* assim define esperança:

Um desejo acompanhado pela expectativa de que o desejo será obtido. É parcialmente cognitivo (é um pensamento), parcial-

⁴ Todas as traduções das citações para este artigo são de nossa autoria.

⁵ Para um estudo sobre o tema esperança sob uma perspectiva sociológica, ver Desroche (1985).

mente emocional (envolve antecipação e outros afetos positivos), e parcialmente volitivo (contém crença). A esperança tem tido, tradicionalmente, conotações espirituais e religiosas. Por esta razão, a esperança não tem sido um foco importante do estudo psicológico apesar dos seus componentes emocionais óbvios. Entretanto, ela tem estado muito presente na literatura e é um conceito proeminente na Bíblia (BENNER, 1985, p.527-528).

O *Dicionário de teologia bíblica* afirma que a esperança desempenha no Antigo Testamento um papel menos saliente do que no Novo Testamento. Outras informações do dicionário elucidam o termo:

A raiz *qwh* é mais usada para exprimir o sentido de “esperar”, “aguardar” alguém ou alguma coisa que não aconteceu (ver Is 5,2,4,7; 59,9,11, etc.) [sic] ora uma coisa que depois aconteceu (Jó 7,2; 17,13, etc.). Muitas vezes é Javé o objeto da esperança (Sl 25,3,5,21; 27,14; Is 8,17; Jr 14,22, etc.), também quando é empregado o substantivo *miquweh* (Jr 14,8; 17,13; 50,7, ver 1 Cr 29,15, Ed 10,2); o outro substantivo da mesma raiz, *tiqwâh* (frequente em Jó, Prov, Sir), se relaciona com felicidade e alegria de viver. No Novo Testamento, o conceito de esperança é sobretudo expresso pelos termos gregos *ελπις* e *ελπιζω*, que no grego profano significavam “prever, esperar, temer, presumir”. No Novo Testamento a esperança (*ελπις*) sempre se orienta a um bem, nunca para um mal, e tem, como na Septuaginta, o matiz da confiança, do refúgio (BAUER, 1973, p. 360-362)⁶.

O *Dicionário de Filosofia* define decepção como “uma burla que acontece a um desejo, por desequilíbrio entre a expectativa e o acontecimento. As decepções surgem de contrastes desfavoráveis” (SOARES, 1952, v. I, p. 290). O *Diccionario Enciclopédico de la Psique* define decepção como “simulação, fingimento”. Por meio da decepção,

os indivíduos transformam as coisas tais como eles gostariam que fossem, e possuem a forma de solucionar, de um modo

⁶ O termo septuaginta, que aparece na citação, refere-se à versão grega do Antigo Testamento.

menos direto, menos difícil, menos tedioso, os problemas da vida (SZÉKELY, 1975).

Um outro dicionário define o termo como “desilusão, desapontamento, engano” (BUENO, 1974).

Não se pode negar que a teologia da prosperidade produz esperanças e expectativas de sucesso nos seus adeptos. As promessas de saúde, de bênçãos, de dinheiro mais que suficiente para pagar as contas e ainda sobrar, a vitória definitiva sobre os demônios, a conquista da pessoa amada e um casamento bem-sucedido formam o conteúdo principal da maior parte da pregação neopentecostal. Uma pregação assim gera entusiasmo, estimulando os ouvintes a exercitar a fé.

E são muitos os relatos de bênçãos recebidas. Um informativo mensal da Igreja da Graça⁷, com apenas quatro páginas, publicou 22 testemunhos de milagres, alguns deles mencionados aqui:

Zilda de Oliveira: surgiu em sua boca um nódulo de, aproximadamente, um centímetro, que desapareceu no momento da oração.

José Amâncio dos Reis: 68 anos, recebeu duas bênçãos: o desaparecimento de uma hérnia na virilha – problema que surgiu há mais de oito anos – e o restabelecimento da visão.

Josefina Santos Oliveira: Há dois anos, surgiu um cisto de, aproximadamente, dois centímetros em sua coxa direita. De acordo com o médico, seria necessário que ela se submetesse a cirurgia, mas o Senhor Jesus a curou.

Francisco Xavier Assis: há uma semana, ficou com o braço e a mão direitos inchados, após ter caído sobre o braço. No momento do louvor, o inchaço desapareceu e a dor cessou.

Tomás de Aquino Dantas: 70 anos: pequeno tumor nas costas, o qual surgiu há dez anos, desapareceu durante a oração.

Terezinha de Jesus Silva: 53: no momento da oração, as constantes tonturas que sentia, há dois meses, desapareceram.

⁷ Cf. *Está Acontecendo*, ano 1, n. 9, julho de 2001.

Os testemunhos de curas, milagres e bênçãos financeiras são veiculados também em todas as publicações do ministério R. R. Soares, nos programas de TV, de rádio e pela internet. Os demais segmentos do neopentecostalismo, principalmente Renascer e IURD, também usam os testemunhos como uma forma de atrair novos adeptos. Geralmente, os testemunhos são constituídos de duas partes: como era a vida da pessoa antes de freqüentar a igreja e como é agora, depois que passou a fazer parte do grupo. Muitas vezes o contraste é colossal. De uma vida de miséria, doenças, um casamento fracassado, para uma vida de opulência.

Mas a pregação neopentecostal, enquanto faz bem a muitas pessoas, tem provocado decepções em outras. Por sugerir a negação dos sintomas ou a recusa de cuidados médicos em nome da fé, a teologia da prosperidade já provocou até a morte de seus adeptos. Tais tragédias já foram constatadas nos Estados Unidos e em Portugal.

A própria *Folha Universal*, jornal oficial da IURD, reconhece que pode frustrar os seus seguidores. O bispo Romualdo Panceiro comenta, num de seus artigos:

Temos observado que as milhares de pessoas que chegam à igreja, fazem-no porque buscam desesperadamente encontrar alguma solução para seus problemas. Ninguém vem por amor ou pura curiosidade, mas sim por estar enfrentando uma situação precária. Na verdade, todos querem vencer, sair da miséria, resolver as dificuldades na família, pagar as dívidas, ser curado de uma doença, enfim, querem uma vida feliz. Entretanto, são poucos os que conquistam⁸.

R. R. Soares reconhece que as situações podem se complicar e não haver explicações para todos os problemas. Na seção “O missionário responde”, uma leitora de Brasília perguntou-lhe: “Se uma pessoa buscar a Deus em favor de sua cura e não a alcançar, qual a verdadeira causa: a pequena fé da pessoa ou a falta de fé?”. O missionário respondeu:

⁸ Cf. *Folha Universal*, 29 de dezembro de 2002, p. 3 A.

É difícil afirmar com precisão qual seria a causa. Cada caso deve ser tratado individualmente. Há exemplos de pessoas que fracassam em receber as bênçãos por terem, em sua vida, pecados não confessados; há outros que nós não entendemos as razões⁹.

Mesmo depois de receber uma bênção, o fiel pode perdê-la. Uma pessoa escreveu ao missionário, perguntando-lhe:

Uma pessoa me disse, ironicamente, que a frase dita pelo senhor, ‘milagre não confessado, milagre anulado’, é um novo versículo. Ela argumentou que as curas ocorrem em Nome de Jesus, e que ninguém pode desfazer ou anular, pois se o diabo pudesse anulá-las, o nome de Jesus seria desvalorizado. Forneça-me informações bíblicas sobre o assunto.

Soares respondeu:

Sempre haverá pessoas que discordarão de alguma coisa, mesmo que esteja correta, esteja ou não na Bíblia. Não há esse versículo na Palavra: “milagre não confessado, é milagre anulado”. Eu descobri esse fato vendo muitas pessoas contar que haviam sido curadas milagrosamente por Deus, e não entendiam o porquê de o mal ter voltado. Observei que o Senhor Jesus disse que, quem dele se envergonhasse, Ele também se envergonharia de tal pessoa (Mc 8.38). Então, conclui que as pessoas que não confessam o milagre, o diabo traz de volta o mesmo mal, às vezes, pior. Considero um grande pecado deixar de confessar o que o Senhor fez; é deixar de dar glórias a Ele. Quanto a anular o milagre, o próprio Senhor disse ao homem que havia curado de paralisia no tanque de Betesda: Eis que já estás são; não peques mais, para que te não suceda coisa pior (Jo 5.14). Veja também Lucas 11.25, e Apocalipse 3.11¹⁰.

O bispo Macedo já observou tais reveses também na IURD. Depois de ver milhares de pessoas serem curadas, al-

⁹ Cf. *Carta Viva do Missionário R. R. Soares*, n. 75, p. 34, fevereiro de 2002.

¹⁰ Cf. *Carta Viva do Missionário R. R. Soares*, n. 48, p. 15, novembro de 1999.

gumas delas voltam a sentir os mesmos sintomas da doença anterior. Sem entender o que lhes está ocorrendo, procuram o bispo, inquirindo, totalmente decepcionadas, sobre o motivo do fracasso: “Por que, bispo, a doença voltou? Será que eu cometi algum erro grave? Será que eu pequei? [...]”. Macedo então explica que não se trata de pecado. Para ele, o que acontece é que o ambiente da campanha de fé, seja num estádio seja no cinema ou na igreja, desperta a fé das pessoas e elas alcançam o milagre. Se a pessoa que recebeu a cura não desenvolver a sua fé, o diabo entra em ação e rouba a sua bênção. Macedo (1989, p. 19-20) defende o seu ponto de vista relatando o que aconteceu com uma fiel da IURD, que vinha há mais de cinco anos se tratando de uma doença clinicamente incurável:

Ela sentia dores atrozes em toda a extensão da coluna. Mal podia andar, sentar e até mesmo deitar-se; aliás, vinha dormindo numa esteira no chão [...] Os remédios já não faziam tanto efeito no alívio da dor. Foi quando ela compareceu a uma Igreja Universal, recebeu a oração, e instantânea e poderosamente foram banidas todas as suas dores. Durante muitos dias deixou de dormir no chão, caminhou naturalmente, e fez tudo o que não mais podia até então. Um dia resolveu voltar ao seu médico e procurar uma “explicação” para a sua cura milagrosa. Quando o médico de sua confiança lhe disse que não acreditava na cura, pois no seu caso era impossível, imediatamente, logo após a “palavra do médico”, começou a sentir pequenas pontadas que foram aumentando até ao ponto de sentir tudo de novo e até mais forte. Ora, por que isto? Qual a razão? O fato é que assim como pela Palavra de Deus ela recebeu a fé para ser curada, também pela palavra do diabo, usando o seu médico, ela recebeu dúvida suficiente para voltar a sofrer como antes. É assim que o diabo trabalha.

Diferentemente dos pentecostais, os neopentecostais transformaram o dinheiro em bênção, recusando-se a considerá-lo um instrumento do mal ou objeto de tentação. Para aqueles, a vida abundante consistia em piedade, renúncia, humildade e não amar “o mundo e nem as coisas que há no mundo” (1 João 2.15). Para esses, vida abundante é desfru-

tar todo conforto presente neste mundo, e quando a vida passar e a velhice chegar, o céu pode ser uma boa opção para o paraíso terrestre. Na sua pesquisa sobre o neopentecostalismo, Ricardo Mariano (1999, p. 183-184) observou posições similares:

Em processo de acomodação à sociedade, os crentes, mormen- te os neopentecostais, mudaram sua relação com o dinheiro, que adquiriu conotação e valor teológico positivos, tornando- se até objeto de cultos especiais, as correntes da prosperidade, baseados na formulação “é dando que se recebe”. Pastores, sem cerimônia, passaram a pedi-lo em grandes quantias, enquan- to os fiéis, sem culpa, assumiram seus desejos de consumo e ambições materiais. Mas a nova relação dos pastores com o di- nheiro, encarada como charlatanice por muitos, veio somar-se às acusações de fisiologismo e corrupção na política partidária, ao enriquecimento de líderes ministeriais e à exploração da cre- dibilidade e ingenuidade dos fiéis. Com isso, a boa reputação de muitas lideranças pentecostais, se não foi a nocaute, passou a ser seriamente questionada.

Ao comentar sobre a reação de pessoas que deram suas contribuições financeiras à Igreja Universal e depois se arre- penderam, Mariano (1999, p. 176) acrescenta:

Mas nem todos aceitam isso passivamente, sobretudo quando não obtêm o retorno desejado e se sentem lesados. Tanto que Edir Macedo foi preso em maio de 1992 ao ser denunciado por cinco ex-fiéis que perderam dinheiro em prol da igreja à espera de bênçãos prometidas e não alcançadas. É provável que, como estes, outros ex-adeptos da Universal e de outras igrejas tenham se lastimado arrependidos das doações que fizeram. Tornou- se conhecido na imprensa o caso do advogado Grigore Avram Valeriu, que, em crise conjugal e com problemas de saúde, con- verteu-se na Universal após aceitar convite de sua empregada doméstica. Depois de doar nove imóveis, milhares de ações e um automóvel Del Rey à igreja, arrependeu-se e recorreu à Justiça. Ainda hoje briga para tentar reaver os bens que doara “voluntariamente”.

Na mesma linha crítica de Ricardo Mariano, César e Shaul (1999, p. 80) observam:

Creio mesmo que a expectativa se torna tão real, que o fiel permanece na igreja mesmo que as respostas prometidas não sejam imediatas – ou não venham nunca. Os milagres ou as mudanças radicais na vida (todas as promessas são radicais) não chegam a todos – mas a espera continua.

César e Shaul (1999, p. 53) continuam questionando outros aspectos do neopentecostalismo e suas lideranças ao comentarem:

Como entender essa correlação entre fiéis pobres e uma igreja rica? Entre uma visível congregação de humildes trabalhadores e uma liderança que desfila em carros importados e mora em palacetes, no país ou no exterior? Como observadores dos cultos da IURD, o momento dos apelos era o que mais nos constrangia. Mas que dizer dos que se levantavam, aparentemente sem hesitação e cheios de confiança, para levar a sua máxima oferta ao altar? A resposta usual dos críticos é que estão sendo explorados, constrangidos na sua boa fé.

Leonildo S. Campos (1997, p. 369, 374) constatou situações semelhantes em suas pesquisas e observa:

O Deus que emerge das afirmações *iurdianas* é uma divindade escrava de suas promessas, dentro de uma lógica implacável, assim argumenta o pastor: Deus promete saúde e prosperidade, exige que o fiel faça a sua parte contribuindo para a “casa de Deus”. Cumpridas todas as exigências, com muita fé e nenhuma dúvida, o milagre só tem que acontecer. Basta exigir de Deus a realização de tais desejos. Mas, e se não der certo? Ainda dentro dessa lógica, a culpa é do fiel, que deve ter tido falta de fé em algum momento do processo. Aos olhos de uma população empobrecida, crédula, em busca de soluções de menor esforço, carente de auto-estima e otimismo, a cura divina se apresenta como um meio atraente e irresistível, principalmente aos que se sentem sem luz dentro de um enorme túnel. É claro que nem todas as expectativas de cura são atendidas.

Os depoimentos apresentados são apenas uma amostra das esperanças frustradas que a pregação neopentecostal tem produzido. Isso tem gerado um segmento que cresce cada vez mais no mundo religioso brasileiro: a dos fiéis em trânsito.

4. OS NÔMADES DA FÉ

O fato de decepcionar-se numa igreja leva o indivíduo a buscar outra, quase que imediatamente. Não era assim há algumas décadas. Se algo não ia bem numa igreja, se o fiel fosse maltratado, se suas expectativas não se cumpriam, ele aguardava, e por muito tempo, em oração e resignação. Sua esperança era de que Deus “faria a obra”, levando o pastor abusivo, pela morte ou trocando-o por outro. Ele sabia esperar. Suas raízes estavam fincadas ali e não era qualquer luta que o removeria do lugar onde Deus o colocara. Assim pensavam os crentes de algumas décadas atrás.

Há, contudo, um contingente significativo de pessoas hoje, no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos, que está, constantemente, circulando de igreja em igreja. Não criam raízes, não conseguem cultivar relacionamentos e são avessas aos compromissos que normalmente surgem do relacionamento entre o fiel e a igreja: freqüentar os cultos, contribuir sistematicamente com a igreja local e participar de suas atividades. Muitos preferem visitar uma mega-igreja e diluir-se na multidão. Ali, a pessoa entra e sai sem ser notada ou cobrada de alguma coisa. A esse fenômeno, já constatado pelos pesquisadores, os sociólogos chamam de trânsito religioso, como o fez Sandra de Souza (2001, p. 164-165):

No Brasil, como em outras partes do mundo, o fiel já não é mais tão fiel assim a sua religião, ele transita em diversas expressões religiosas. O perfil religioso do homem e da mulher contemporâneos pode ser altamente cambiante, favorecendo um aspecto religioso num determinado momento, e outro logo depois [...] A idéia de “trânsito religioso” admite o “passeio” por diversas religiões (mesmo, em alguns casos, havendo predileção por

uma ou outra), não demanda mudanças intestinais na forma de vida dos “transeuntes” e dispensa ou atenua o compromisso com uma instituição específica. Isso pode ser melhor verificado entre aqueles que, apesar de admitirem uma pertença religiosa, transitam e se apropriam dos mais variados aspectos de sistemas simbólicos os mais diversos. Não que isso não acontecesse anteriormente, mas estamos falando de uma intensificação disso.

Uma pesquisa de opinião realizada pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), publicada pela *Folha de S.Paulo*, revela que, de cada três paulistanos, um mudou de religião. No primeiro semestre de 2003, um terço dos 2002 entrevistados na Grande São Paulo não estava mais na religião de origem. Segundo o jornal, a pesquisa possibilita também uma avaliação do trânsito religioso. “O catolicismo é um doador universal de fiéis, enquanto os pentecostais e os sem-religião são os principais receptores”, declarou o antropólogo Ronaldo de Almeida, pesquisador do CEM¹¹.

A igreja midiática alimenta o trânsito religioso. É ela quem cria os mecanismos para convencer os fiéis, logo transformados em consumidores, a ocupar um assento dentro de seus templos. A oração feita por intermédio do rádio ou da TV nunca será suficiente. O crédulo tem de “tomar uma atitude”, tem que comparecer, pessoalmente, para demonstrar a sua fé. Do contrário, a bênção não será completa. Para Jonas Becker (2002, p. 99-100), o trânsito religioso é provocado por vários elementos do complexo mundo contemporâneo:

Pode-se citar a questão das respostas imediatas aos problemas, uma vez que vivemos na era da velocidade. Busca-se determinada religião acreditando obter nela resposta imediata a algum problema. Em tal não acontecendo, busca-se uma nova religião (transita-se), acreditando-se que esta irá proporcioná-lo. Vale o “se não sou atendido agora, se meu problema não for resolvido agora, procuro outra religião”. Outra questão diz respeito ao mercado religioso, onde, em não se encontrando o produto

¹¹ Cf. *Folha de S.Paulo*, 14 de dezembro de 2003, p. C1.

(bem religioso) desejado, recorre-se ao concorrente, que o oferece da forma como se o pretende. O mesmo pode acontecer se lhe desagrade “a embalagem”, “o preço” ou “as condições” de determinado bem religioso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O próprio neopentecostalismo alimenta o trânsito religioso. A maioria das igrejas neopentecostais não tem um rol de membros, não há prestação de contas à igreja, tanto das questões financeiras quanto morais, e a distância entre o pastor e a ovelha é uma constante. O pastor neopentecostal fala da televisão, vive no avião, e quando está na igreja, seu espaço é o púlpito. Não há nenhum contato com o público. É um homem cheio de compromissos (tem de escrever, gravar, viajar, além de encontros com algumas pessoas importantes para o ministério). Geralmente, é muito assediado por candidatos políticos. O líder neopentecostal está sempre criando novos projetos, e esses, por sua vez, demandam mais e mais dinheiro.

Quando a pressão financeira se estabelece, a criatividade nos levantamentos de fundos entra em ação. Vocábulos desconhecidos da igreja evangélica até duas ou três décadas atrás entram em ação: “shopping do povo de Deus”, “cartão de crédito evangélico”, “consumidor cristão”, “feira”, “loja”, “show da fé” e muitos outros. O crente abençoado hoje é aquele que movimenta o mercado, sempre disposto a consumir, comprar, adquirir, tomar posse e conquistar. Assim, cada segmento neopentecostal que controla uma fatia da mídia está sempre mudando e melhorando a embalagem de seus produtos, que a bênção de hoje será sempre melhor e maior do que a de ontem e os “clientes” precisam manter-se sintonizados para não perderem qualquer “oferta” ou “liquidação”. Depois, é só ir (transitar) ao local e no horário indicados, seguir à risca a palavra do “homem de Deus” e receber o milagre prometido. Quanto mais transitam, mais se decepcionam. Quanto mais se decepcionam, mais transitam. Assim, uma ação alimenta a outra. Esses peregrinos da religião constituem hoje o movimento dos sem-igreja, em que o pertencer deu lugar ao transitar.